

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA E AGROFLORESTA EM ÁREA DE TRANSIÇÃO DE BIOMAS NO MUNICÍPIO DE DOURADOS, MS.**

João Carlos de Souza  
Doutor em História Social - USP  
Univ. Fed. da Grande Dourados  
Joca125ufgd@gmail.com

As histórias de vida sempre vêm acompanhadas de memórias da infância, do modo de vida da família, de seus valores, conforme já percebi por experiência de relatos de outros trabalhos de pesquisa. Os relatos de Lourdes e Antonio Weber, que abordo nesse trabalho, possuem essa marca. A metodologia da história oral, comporta as histórias de vida e experiências desses agroecologistas que cultivam e comercializam parte de seus produtos na feira agroecológica do Parque dos Ipês em Dourados<sup>1</sup>.

Os referidos relatos de experiências são tomados como ponto de partida para levantar algumas reflexões sobre experiências de produção agroecológicas e Sistema Agroflorestal biodiverso (SAF). Podem ser considerados formas de produção de alimentação saudável, de geração de renda para a agricultura familiar e, para além disso, preservação ou recuperação de áreas degradadas, ainda que ilhas em meio às grandes extensões dominadas por campos da monocultura do agronegócio no município de Dourados, MS.

Entre os pequenos e médios agricultores, nos movimentos do campo, nas comunidades quilombolas e indígenas, há uma preocupação maior com tentativas de resposta à crise ambiental e social que enfrentamos. Se trata de um olhar para a possibilidade de regeneração de áreas devastadas, sinalizar que práticas ecológicas são possíveis e quem as adota, possuem uma visão complexa das relações que envolvem a vida e a produção, processos que inter-relacionam “sistemas sociais, os sistemas biológicos ou ambientais” conforme Corporal (2009, p. 97).

---

<sup>1</sup> Fazem parte da pesquisa que realizei no Pós-Doutorado na UFRJ, orientado pela Profa. Marieta Ferreira, a quem também recorro como referência metodológica sobre história oral (2012). A pesquisa versou sobre as formas de geração de renda por pequenos agricultores familiares em áreas de Dourados.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **Desmatamento na região do município de Dourados**

A área de transição de dois biomas representa uma riqueza ímpar, de interação ente fauna e flora muito salutar para a vida pelo contato com maior diversidade de espécies. A região de Dourados se caracteriza por essa situação. Dois exuberantes biomas, o da Mata Atlântica e do Cerrado.

A cobertura de mata está reduzida a 4% de mata nativa e, na área do município, existem muita atividade da monocultura da soja, milho e cana. Essa hegemonia faz com que, mesmo em pequenas propriedades, ocorra o arrendamento para o plantio dessas mencionadas culturas.

A região de Dourados fez parte da área de exploração da erva-mate, uma atividade extrativista que se intensificou em fins do século XIX e se estendeu até os anos 1940. As áreas de concessões da Cia Mate Laranjeira, em seu auge, atingiram 5 milhões de hectares, tomando grande parte do sul do atual estado do Mato Grosso do Sul. Essa atividade extrativista foi realizada sem grandes preocupações com a preservação, pois a poda dos ervais nativos era por vezes concretizada de forma radical (ALBANEZ, 2018).

Ressalto, contudo, que processos de ocupação no século XX, se caracterizaram pelo desmatamento intenso na região de Dourados. Nos anos 1940, o governo federal lançou um Projeto de Interiorização denominado de Marcha para Oeste. Uma das ações foi o processo de colonização pelo Estado. Nesse contexto, em 1943 foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Ao tratar das atividades econômicas, a pesquisadora Ana Paula Meneses aponta que uma das práticas era a retirada da madeira de lei para construção de casas e a venda de forma oficial e autorizada. Uma das atribuições de quem obtinha o lote, que possuíam 12,5 Alqueires ou 30 ha, era seu desmatamento parcial, para garantir sua posse. Contudo, a legislação previa a necessidade de manter até 25% da mata nativa (MENESES, 2012, p. 73).

A autora constatou que a maior parte dos colonos não respeitou a legislação e constatou que a fiscalização oficial praticamente não ocorria. A madeira servia em primeiro lugar aos próprios colonos para construção de suas casas e estruturas de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

atividades. Inicialmente, havia uma serraria oficial e a madeira era vendida legalmente, com liberação dos administradores da CAND. Depois outras serrarias rústicas surgiram e, na década de 1960, as serrarias particulares, de maior porte, predominaram. O corte e a comercialização ilegal se alastraram. Os lotes em sua maioria tiveram 100% de desmatamento e as grandes matas deram origem a um cenário de devastação (MENESES, 2012, p. 72).

Meneses analisa que no início das atividades a questão de sobrevivência dos colonos era crucial. Através de entrevistas com pessoas que viveram na época, alguns deram a entender que nem tinham muita certeza da necessidade da reserva, como viam que todos ampliavam suas áreas, também adotaram a mesma prática. Outra prática comum, após a retirada da madeira de lei, era a queima do restante da mata, para iniciarem as atividades agrícolas. Esse procedimento agilizava a limpeza, representava um custo baixo, as cinzas favoreciam a plantação num primeiro momento, mas em médio prazo eram prejudiciais ao solo, além dos danos imediatos da queimada ao meio-ambiente (2012, p. 69-73).

A dinâmica das atividades de implantação da CAND intensificou o desmatamento nas décadas 1940-1960, em áreas do atual município de Dourados. Contudo, nos anos 1970-1980, ocorreram nova intensificação do desmatamento, desta feita pela implantação da agricultura moderna, tipicamente capitalista. Esse processo esteve atrelado aos incentivos de avanços das fronteiras agrícolas, política do governo militar vigente naquele momento no Brasil, caracterizado por uma modernização conservadora, pois incorporava as novas tecnologias e favorecia a manutenção do modelo de estrutura fundiária da terra. Assim, ocorreu a derrubada de matas para produção de pastos e atividades agrícolas. Os desmatamentos aconteceram sem respeito à legislação, sem manutenção da reserva de matas nativas, sem uma efetiva política de reflorestamento (ALBANEZ, 2018).

É nesse cenário, de extensas áreas ocupadas pela pecuária, de cultivos de grandes lavouras, de mecanização acelerada, de utilização de defensivos agrícolas e de pequenas porções de reservas de mata, que no município de Dourados ocorrem algumas experiências da prática da agroecologia. Destaco, dentre outras, uma horta em área no

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quilombo do distrito da Picadinha, iniciada em 2005, e o Sistema Agroflorestal do Sítio Luciana, desde 2007, na região do Cerrito.

## **A agroecologia em área Quilombola**

Na área quilombola, os irmãos Lourdes, Vilma, Ramão e seus familiares desenvolvem atividades num lote de 3,5 ha, que pertence aos pais. Recorro à narrativa de Lourdes Castelon (2018)<sup>2</sup> para abordar as experiências dessas famílias. Segundo ela, a atividade inicial que desencadeou o envolvimento com a agroecologia foi uma plantação de pepino, em 2005. Aderiram a um programa da Prefeitura de Dourados de assistência à agricultura familiar, que contava com apoio da Embrapa Dourados.

Essa foi uma atividade que os despertou para a capacidade que tinham de realização de produção de hortaliças na própria área. A Lourdes foi enfática quanto à importância dessa experiência: *A gente viu assim, que a gente é capaz né de tirar o sustento daqui, da área do pai, sem ter que trabalhar para terceirizado e sem conta com uma alimentação saudável pros nossos filhos.*

Essa experiência apresentou uma particularidade muito importante. Na prática, um desdobramento que foi além do debate da produção de hortaliças, pois foi acompanhada de formação e reflexões sobre a área quilombola em que viviam, que até então, não era reconhecida como tal. Uma área de 40 hectares onde moram 14 famílias remanescentes, descendentes de um ex-escravo, que tinha a posse da área e solicitara demarcação de 3.748 hectares.

Para uma referência do que era a área original, apresento a trajetória dessa comunidade, ainda que de forma breve, e a importância que o debate e a consciência tiveram sobre os elos que agregavam essas famílias. O liberto (ex-escravo) Dezidério Felipe de Oliveira saiu de Uberlândia (MG) e se estabeleceu no então Mato Grosso, primeiramente no município de Maracajú, em fins do século XIX. Passado alguns anos, já casado e com filhos, Dezidério se deslocou com a família para o então distrito de Dourados, eram os idos de 1907. Fixou moradia na região localizada na cabeceira do

---

<sup>2</sup> Sempre que mencionar narrativas da Sra. Lourdes de Oliveira Castelon, referem-se à entrevista concedida ao autor, em 2 de novembro de 2018, gravada em áudio. De agora em diante, na escrita será mantido apenas o primeiro nome da narradora.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

rio São Domingos, hoje conhecida por Picadinha, distrito de Dourados, onde obteve posse provisória de uma área de 3.748 ha (hectares). Foi casado com uma indígena da etnia Terena, Maria Cândida de Oliveira, com quem teve 12 (doze) filhos. Solicitou a posse definitiva da referida área, mas até sua morte em 1935, o título não lhe chegara em mãos (SURUWATARI, 2014).

Depois de sua morte, de certa forma o processo de reconhecimento e demarcação se fundiu com o inventário. A área de 3.748 ha foi reduzida a 600 ha. A diferença, que correspondeu a quase 84% da área, o advogado cobrou para “cobrir” os custos do processo. A viúva e os filhos eram analfabetos, sofreram esbulho de suas terras. Na sequência, motivos de saúde da viúva, levaram embora sua parte, restando 300 ha que haviam sido distribuídos entre os 12 filhos. Ao longo de 8 décadas, as demais áreas, em grande parte foram também perdidas por diferentes motivos, especialmente financeiros, restando em 2005 os mencionados 40 ha (SURUWATARI, 2014).

O debate sobre o território culminou na criação da Associação dos Remanescentes de Quilombos Dezydério Felipe de Oliveira (Arqdez). A comunidade passou a reivindicar a condição e reconhecimento de Comunidade Quilombola e a demarcação da área originária. As 14 famílias, que ainda residem na Comunidade, junto com outros 325 descendentes do Sr. Dezydério, netos, bisnetos e tataranetos vivem a expectativa do atendimento dessa reivindicação. A Lourdes e seus irmãos são bisnetos do patriarca da família (SURUWATARI, 2014).

O INCRA, a partir da reivindicação da Comunidade em 2005/2006, tomou uma série de providências legais, entre as quais realizou o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação – RTID. Reconheceu a área como de remanescente Quilombola, conforme publicado no Diário Oficial da União em 14 de julho de 2015, e definiu a área como sendo de 3.538,6215 ha. Desde então, a Comunidade aguarda a homologação pelo presidente da República, quando somente a partir daí poderia ocorrer a demarcação e titulação da terra.

Esse é o contexto em que viviam as famílias quilombolas. Lourdes conta que após a experiência de plantar pepinos, destinados para uma empresa, eles tomaram consciência de que eram capazes de ter uma produção própria. Ressaltou que, além

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

daquele primeiro impulso recebido pelo projeto da Prefeitura, passaram a receber apoio técnico e projetos da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), através de professores de diferentes áreas, principalmente da agronomia e da área de alimentos.

Através da participação em diferentes projetos de extensão, receberam diversos cursos e atividades práticas na área. Dentre as ações comentadas, destacou a infraestrutura da área, que ganhou roda d'água e canalização para viabilizar a irrigação da horta, cercaram as laterais da horta com capim-napiê para protegê-la, formar uma barreira e impedir os agrotóxicos utilizados nas lavouras vizinhas, ganharam um mini-trator para trabalhar.

Nas atividades passaram a desenvolver uma série de procedimentos conforme descrito pela Lourdes, como o reaproveitamento de folhas para incorporar ao solo, realizar compostagem, utilizar o adubo orgânico. Não aplicam pesticidas, agrotóxicos. Para controlar as pragas, há algumas receitas a partir do vinagre, detergente, óleo de cozinha, fumo etc, que aplicam na horta. Há produtos agroecológicos, como o óleo de Neen, que adquirem já preparados. Buscam o equilíbrio e entendem que perdem parte da produção nesse processo. Evitam a cultura de algumas hortaliças em certas épocas do ano.

A área, além da horta, que foi por onde as atividades tiveram início, possui pomar com várias frutíferas, pequeno açude na qual iniciaram criação de tilápias, criação de galinhas. Há uma preocupação com a preservação do riacho e sua fonte. Atestam uma consciência maior da importância da preservação ambiental.

A relação com os projetos da UFGD trouxe um novo convite, para participarem da Incubadora da Universidade. Foi criado um restaurante, denominado de Bistrô, com apoio de uma professora do curso de Nutrição, no qual a Lourdes e duas de suas irmãs passaram a trabalhar na cozinha e para o qual destinavam parte da produção da horta. No restaurante, foram orientadas na arte da preparação de alimentos.

Há que se destacar, que antes dessas atividades, as famílias trabalhavam para terceiros, cuidando de chácaras, realizando trabalhos temporários nas roças para sítiantes ou fazendeiros da região. Lourdes narra que desde pequena trabalhou em casas de família cuidando de crianças. Trabalhou, por muitos anos na cidade, em empresas terceirizadas de limpeza. Sentiu a necessidade de estudar e só adulta concluiu o ensino

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

fundamental e iniciou o ensino médio. Essas experiências de trabalho são referência para avaliar o que fazem hoje, na própria área.

Sobre a viabilidade da atividade da horta na área quilombola, Lourdes aponta algumas dificuldades, como por exemplo, o período de maior calor, entre os meses de agosto a fevereiro, quando várias hortaliças não se desenvolvem muito e são atacadas por insetos e pragas. Nesse sentido, diz que deixaram de plantar algumas espécies, como o brócolis, assim como perceberam a necessidade de plantar hortaliças mais resistentes, a exemplo de plantar a couve no inverno para ter colheita durante o verão. Comentou que mantém o trabalho no Bistrô, pois nos períodos de menor produção da horta, ajuda a compor o orçamento.

Além da feira agroecológica, já referida, fornecem verduras, para o Bistrô e a Associação de Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul (APOMS), que destina os produtos para merenda escolar. São esses os principais destinos da produção.

## **A agrofloresta do sítio Luciana**

No cenário descrito antes, no qual predomina a agricultura extensiva, a poucos quilômetros da área quilombola, na região do Cerrito, em Dourados, se identifica no sítio Luciana a experiência do Sr. Antonio Weber, que transformou uma área de 14,5 ha de plantação de soja em um Sistema Agroflorestral (SAF).

A partir do momento em que reassumiu o sítio Luciana, em 2007, pois estava arrendado e onde se cultivava soja, Weber iniciou o processo de transformar a área em uma agrofloresta, processo que está em curso. Passou a trabalhar com o que chama de sistema consorciado de plantas, mas isso foi uma descoberta, um processo. A atividade não teve início com um planejamento da implantação. Na verdade, conforme ele mesmo afirmou, sua referência era a imagem que carregava da sua infância e juventude, ou seja, sua experiência de trabalho no sítio da família no Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

Iniciou o trabalho produzindo mudas de frutíferas e de ornamentais, para ter algum retorno financeiro. Outra ação simultânea foi a plantação de três mil mudas de uma espécie exótica de árvore, que acabaram não se desenvolvendo. Reconheceu que o

---

<sup>3</sup> Sobre a trajetória de vida de Antonio Weber, ver (SOUZA, 2020, p.157-194).

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

caminho não seria o da monocultura. A partir daí, começou um processo de diversificação das plantações, num tipo de arranjo aleatório, cujo espaçamento apresenta certa densidade.

O que se constata no sítio Luciana é a ocorrência da associação de espécies arbóreas, que formam os estratos mais altos e os médios, geralmente pelas frutíferas e espécies arbustivas e os mais baixos pelas hortaliças. Com relação à disposição das espécies, se adotou a forma aleatória. Mas, em parte, outra estrutura vem sendo adotada pelo filho de Weber, o Tiago, formado em agronomia e que assumiu principalmente a produção de mudas, de árvores frutíferas e da pupunha. Prefere o arranjo em forma de linha e com espaçamento menos denso. Em relação a essa sistemática de arranjos, pesquisa junto a 28 unidades com SAFs no Mato Grosso do Sul, apontou:

Quanto aos arranjos das espécies arbustivas e arbóreas nos SAFs, 56,25% dos agricultores optaram pela disposição em linhas, enquanto 43,75% implantaram esses grupos de espécies vegetais ao acaso [...], porém respeitando as peculiaridades de cada espécie, evitando excesso de sombreamento e competição pelos recursos do ambiente. Conforme relato dos agricultores, a opção pelo plantio em linhas favorece a implantação do sistema utilizando-se algumas operações mecanizadas, bem como realização de outras práticas parcialmente ou totalmente mecanizadas ao longo dos anos, como: adubações, roçadas de plantas infestantes, podas e colheitas, entre outras (PADOVAN et al., 2012, p. 6).

A existência de pesquisadores, preocupados em estudar essas atividades, que realizam experimentos, assim como analisam os SAFs existentes, é um sinal que esse sistema desperta o interesse. O autor referido e outros dois pesquisadores, por exemplo, em artigo recente, analisaram especificamente 4 (quatro) áreas de SAFs em diferentes ecoregiões do Mato Grosso do Sul, relativas aos biomas Mata Atlântica, Cerrado e o Ecótono de transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado. Os autores realizaram estudo por meio de parâmetros fitossociológicos, com objetivo, dentre outros, de identificar vegetação arbórea que se desenvolve com maior rapidez e adaptação. Explicitaram o intuito de auxiliar os produtores, indicando quais espécies se desenvolveram melhor nos respectivos biomas, para servir de orientação no manejo e opção de plantio. Essas quatro experiências de SAFs têm algumas metodologias em comum, como as linhas, distanciamentos e os entremeios das linhas que facilitem a produção. Chegaram a conclusões de como algumas espécies nativas, consideradas pioneiras, desempenharam um papel importante na recuperação de áreas degradadas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre essas espécies, mencionam a candiúva, fumo bravo, sangra d'água, ingá, alecrim, embaúba<sup>4</sup> (PADOVAN, 2018).

Grande parte dessas vegetações arbóreas, mencionadas pelos pesquisadores, é conhecida e difundida por Weber em seu sítio. Esses setores em regeneração, apesar de algumas intervenções antrópica, inclusive na seleção de certas árvores que favorecem uma aceleração do ciclo, ficam em pousio. Mas, Weber percebe que há uma dinâmica própria:

(...) Os dois terços do sítio essa área que está se regenerando, com muitas árvores nativas, né, principalmente aroeiras né, que mais nasce no sítio aqui são aroeiras. Todas elas ficam, eu só corto alguma que o vento derruba.

(...) Mas numa área que deixamos parada por bom tempo, ressurgiu uma espécie que era bastante desconhecida daqui. É, não era, com a monocultura desapareceram. Que se chama pitanga anã ou pitanga peba, é pequeninha, no máximo um metro de altura. E ela ressurgiu numa área (eh, eh), o habitat dela é aqui. Uma parenta da guavira, mas não é guavira. Então, são coisas pequenas que a gente ta resgatando [ênfase] (WEBER, 2018).

Na área diretamente trabalhada como SAF e também nas em pousio, de regeneração, lentamente surgem algumas espécies nativas. Além da pitanga anã, acima mencionada, há os araçás, que são nativos, assim como a guavira. Essa atividade desenvolvida no sítio é importante, pois no Mato Grosso do Sul existe a redução de áreas onde se encontram essas árvores e arbustos do Cerrado, muito pouco estudados. Nesse sentido, um caso emblemático é o da guavira (*Campomonesia adamantium*), que mereceu uma reportagem, na seção Meio Ambiente, do jornal *Campo Grande News*: “Apesar de nativa e do apelo afetivo, guavira está sumindo do cerrado”.

A referência ao fato de que certas árvores, apesar de serem plantadas através de mudas e de técnicas conhecidas, adubadas não se desenvolvem tão bem quanto as que nascem através da ação dos ventos, de pássaros, de mamíferos e crescem viçosas sem a intervenção direta antrópica é outro fator importante nesse processo de aprendizagem com a natureza, ao qual Weber se refere. Dois aspectos dessa dimensão são importantes, pois algumas espécies não se obtêm com uma rica adubagem, como correntemente se poderia supor, pois seu habitat do cerrado não requer esse tipo de cuidado. Outro aspecto é a recomendação de se semear certas espécies de árvores no próprio local onde se deseje sua fixação, para se obter melhor resultado, como é o caso da castanha de

---

<sup>4</sup> Os autores mencionam os nomes científicos e populares, no texto apenas se faz referência aos últimos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

baru, e não através de mudas<sup>5</sup>. Ao estudar SAFs de pequenos produtores, autores confirmam as percepções de afinidade da agricultura familiar com arranjos de produção complexos (PADOVAN et al 2012).

Considerando as falas do Weber e as visitas realizadas na área, se observa que desenvolve uma atuação mais direta e específica de trabalho na agrofloresta. Contudo, nas áreas em regeneração, promove ações diretas pontuais, principalmente para acelerar o processo de recomposição. Nesse caso, entende-se que vai ocorrendo uma expansão do SAF nas áreas em pousio. Esse trabalho é narrado nos seguintes termos:

(...) E outras árvores nativas dentro desse de restauração eu vo plantando outrass árvores no meio pra que... principalmente embaúba, que é a árvore.... árvore mãe pra quem quer restaurar tem que te embaúba, porque a passarada gosta do fruto dela e quando... traz sementes de outras (hehe) é fantástica, né (ênfase). Embaúba é o carro chefe, isso... isso tem inclusive estudos né, acadêmicos sobre isso você já, além da minha visão prática tem o conhecimento teórico.. não que eu escrevi alguém escreveu mas tem pessoas bastante pessoa esclarecidas nessa área. Então essa visão éh... éh... Em primeiro lugar eu acho que essa atividade é, ta entendendo que eu quero dizer, 90% é prática e 10% é teoria. Você precisa entender como a natureza age e daí alia esse conhecimento com o que foi estudado cientificamente. Agora a natureza te dá mesmo um... um nó (heheh) Porque você planta uma árvore X num determinado lugar, bem plantadinho, bonitinho e se desenvolve fraaaaca e derrepente nasce uma da mesma espécie num outro ponto que a natureza quis que nascesse. Essa vai se desenvolver muito mais rápido. Então, entende essa mecânica? É observação. Humildade também, como dádiva. Como dádiva, crer e aceitar que nós somos aprendizes. Não sabemos nada (WEBER, 2018).

Quanto ao que o SAF representa do sítio, Weber afirmou que a família consegue atuar em um terço da área, ou seja, aproximadamente cinco hectares. É o que conseguem acompanhar, fazer o manejo que necessita num sistema agroflorestral. Além das atividades de plantação e manejo a família também tem a seu encargo a preparação dos produtos para a comercialização na feira. Além da Vera, sua esposa e do filho Tiago, contam com a dona Gilda, uma funcionária, conhecedora de produção de mudas, que atua como uma parceira no trabalho, desde o início das atividades. Assim, argumentou que não dispõem de tempo para plantar e cuidar de toda área.

Essa área, de 14,5 hectares para esse tipo de atividade biodiversa, é muito grande, isso é humm... uma enormidade, he.

---

<sup>5</sup> Informação concedida ao autor pela bióloga Dra. Zefa Pereira, na feira de Sementes Crioulas de Juti, MS - julho/2017.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(...) Quer dizer, nós damos conta do que estamos fazendo, mais do que isso não conseguimos. Já temos um monte de atividades que tão meio represadas. Precisa de gente! Esse tipo de atividade precisa de mão de obra. Não tem outra forma, não consigo colocar máquinas senão não dá resultado, né (WEBER, 2018).

Em algumas áreas do sítio, é utilizado um micro trator, principalmente nas margens da agrofloresta e áreas de pousio. De fato, o tipo de arranjo ao acaso, já comentado, dificulta o manejo com máquinas, mas sua utilização não é incompatível com o arranjo em linha. Por outro lado, ainda quanto à mão de obra, afirmou que não querem tornar o sítio numa empresa rural e definiu enfático: “É uma agricultura familiar” (WEBER, 2018).

Ao narrar o que já realizou no sítio e como desenvolve as atividades, revela uma riqueza de vocabulário que está associado integralmente ao seu fazer, percebe-se que incorpora à linguagem o que faz na prática. Desenvolve uma cultura e um saber. Assim estão imbricados as falas sobre diversidade, sustentabilidade, complexidade:

Dentro dessa proposta quanto maior a diversidade de plantas melhor o resultado, por que ao você consegue o equilíbrio de flora, a ... a cadeia alimentar começa a funcionar de novo, você tem insetos, tem pássaros, répteis... Enfim, esse conjunto é que faz com que a coisa funcione, de fato né. É tudo aquilo que a gente meio que desaprendeu com o chamado agronegócio, né. Como é que é... é uma fortuna só ou duas e, o resto, destrói-se. Sabe, isso a gente vê, não precisa fazer nenhum comentário, é um processo destrutivo, é um processo... já está estressado, não é... a terra já está pedindo mudanças. Mas então, procuramos dentro do nosso modo de ver romper com esses sistemas né, mostrando que tem viabilidade em todos os sentidos né. Que é a sustentabilidade (WEBER, 2018).

Nesse contexto, ganha relevância iniciativas de recuperação de áreas degradadas. Nos estudos de 28 unidades de produção no Mato Grosso do Sul, em localidades dos biomas Cerrado e Mata Atlântica, com sistemas agroflorestais biodiversos, compostos por diferentes arranjos e idades de implantação, os pesquisadores chegaram, entre outras conclusões, que esses agroecossistemas contribuem para a produção de serviços ambientais e potencial para a restauração de áreas degradadas (PADOVAN et. al, 2012).

Em relação ao SAF, houve um momento em que Weber quase desistiu, pois além da falta de apoio para desenvolver as atividades, grande parte de seu sítio queimou com um incêndio em agosto de 2011, mês de seca e de ventos na região, que suspeita ter sido

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

provocado. A queimada atingiu principalmente as áreas de pousio, entre a agrofloresta e a mata ciliar dos córregos Lageado e S. João, que estão na divisa da propriedade. Neste último, a mata é escassa. Passados dez anos, no dia 3 de agosto de 2021, novo incêndio<sup>6</sup>. Atingiu as áreas em regeneração e grande parte do canavial que fornecia a cana para a garapa vendida na feira agroecológica do Parque dos Ipês. O prejuízo maior foi ao meio ambiente, a produção de frutíferas e as hortaliças sofreram poucas baixas. O acero existente em parte do sítio, não foi suficiente para conter o fogo.

As duas experiências tratadas nesse texto podem ser pensadas como pequenas ilhas no vasto território das atividades de monocultura da soja, da cana, do milho. Mas também representam uma possibilidade alternativa de cuidado da sociedade com o meio ambiente, do qual faz parte, de forma a respeitar e entender que a diversidade é fundamental para a vida. Sugerem reflexões sobre problemas que há tempos cientistas de diferentes áreas estão alertando, como o aquecimento global, a poluição, a necessidade de geração de energia limpa, a diminuição do consumo etc.

Os protagonistas dessas experiências deixam entrever em suas narrativas a necessidade da atenção com o a natureza, a sabedoria de práticas de convivência, a valorização da diversidade, fundamento da vida, a riqueza da fauna e da flora, o respeito aos ritmos e, enfim, o encontro entre as pessoas. Tais valores estão bem marcados nas narrativas. A sustentabilidade brota de uma concepção, de uma prática de relação não destrutiva.

## Referências bibliográficas

ALBANEZ, Jocimar Lomba. **Madeireiros e demais aventureiros**: em meio à modernização conservadora na região cone sul de Mato Grosso/do Sul (1970-1990). 2018. Doutorado (Tese em História). PPGH/UFGD, Dourados (MS).

CASTELON, Lourdes de Oliveira. Entrevista concedida ao autor, em 2 de novembro 2018. Quilombo Dezidério Felipe de Oliveira. Gravação em áudio, duração 1h20.

CORPORAL, Francisco Roberto (Org.). **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília, 2009. Nota 40 p 68.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier e Campus, 2012. p.169-186.

---

<sup>6</sup> Esse novo incêndio ocorreu após a apresentação do trabalho no ST 059, da ANPUH/2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MENEZES, Ana Paula. *Atividades econômicas na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND): a agricultura e a exploração da madeira (1950-1970)*. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

PADOVAN, Milton Parron; PEREIRA, Zefa Valdivina; FERNANDES, Shaline S. Lopes. Espécies arbóreas nativas pioneiras em sistemas agroflorestais biodiversos. **Revista GeoPantanal**, Corumbá/MS n. 24 - 53-68, jan-jun. 2018.

PADOVAN et al. Estado da arte de sistemas agroflorestais em bases agroecológicas em Mato Grosso do Sul, região Centro Oeste do Brasil. **AGROECOL** - 6º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul e 2º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de MS, nov. 2016.

SURUWATARI, Gabrielly Kashiwaguti. **Comunidade Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira**: Tradição, política e religião entre os “Negros da Picadinha”. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia), FCH/UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados (MS).

SOUZA, João Carlos. O Sistema Agroflorestal no sítio Luciana em Dourados, MS: práticas consciência ambiental e divulgação (2007-2018). In. KMITTA, Ilsyane do Rocio; ARAKAKI, Suzana; ZIMMERMANN, Tânia Regina (Org). **História Ambiental**: configurações do Humano e tessituras teórico-metodológicas. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 157 - 194.

WEBER, Antonio. Entrevista concedida ao autor, em 3 de novembro de 2018. Sítio Luciana, Região do Cerrito, Dourados, MS. Gravação em áudio, duração 1h41.